O ENSINO DE LITERATURAS NA LINGUÍSTICA APLICADA BRASILEIRA

THE TEACHING OF LITERATURES IN BRAZILIAN APPLIED LINGUISTICS

Marcel Alvaro de Amorim[1]
[http://orcid.org/0000-0002-8840-8371]
Mariana Roque Lins da Silva[2]
[http://orcid.org/0000-0003-2298-3776]
DOI: https://doi.org/10.30612/raido.v14i36.11695

RESUMO: Este artigo tem por objetivo realizar o mapeamento de investigações recentes em torno do ensino de literatura no âmbito da pesquisa em Linguística Aplicada brasileira. Para tanto, nos propomos a analisar as programações do Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada e dissertações e teses de Programas de Pós-Graduação em Linguística Aplicada na última década (de 2009 a 2019). Procuramos, dessa forma, identificar temáticas e abordagens da pesquisa em ensino de literatura vigentes na área, bem com a possível afiliação desses trabalhos a uma visão INdisciplinar da Linguística Aplicada. Conclui-se que, sob diversas perspectivas e em diálogo transdisciplinar com as áreas de Educação e Estudos Literários, a área de Linguística Aplicada tem demonstrado cada vez mais interesse pela abordagem do ensino de literatura a partir de enquadramentos diversos.

Palavras-chave: Ensino de Literatura; Linguística Aplicada; Mapeamento.

ABSTRACT: This paper aims at mapping recent investigations on the teaching of literature in the context of Brazilian Applied Linguistics research. In order to do so, an analysis of programs of the Brazilian Conference of Applied Linguistics as well as an examination of master thesis and PhD dissertations from Postgraduate Programs in Applied Linguistics produced during the last decade (from 2009 to 2019) were carried out. It was our intention to identify which themes and approaches on the teaching of literature were in use, as well as to investigate the affiliation of these researches with an INdisciplinary view of Applied Linguistics. We may conclude that, from different

1 Doutor em Linguística Aplicada pelo Programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PIPGLA-UFRJ). Docente Permanente do Programa Profissional de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal do Rio de Janeiro (ProfEPT-IFRJ) e do Programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PIPGLA-UFRJ). E-mail: marceldeamorim@yahoo.com.br

2 Doutoranda em Linguística Aplicada pelo Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PIPGLA-UFRJ). Professora Substituta da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FE-UFRJ). E-mail: mari.roque@gmail.com

CC BY NC SA

perspectives and in a transdisciplinary dialogue with areas such as Education and Literary Studies, Applied Linguistics literature has shown an increasing interest in the approach of the teaching of literature from a variety of frameworks.

Keywords: Teaching of Literature; Applied Linguistics; Mapping.

1. APRESENTAÇÃO

> Era o carnaval. E [Duzu, a avó] já havia até imaginado a roupa para o desfile da escola. (...) *Estava fazendo uma fantasia linda. Catava papéis brilhantes e costurava pacientemente em seu vestido esmolambado*. (...) E foi no delírio da avó, na forma alucinada de seus últimos dias, que ela, Querença [a neta], haveria sempre de umedecer seus sonhos para que eles florescessem e se cumprissem vivos e reais. Era preciso reinventar a vida, encontrar novos caminhos. Não sabia ainda como. Estava estudando, ensinava as crianças menores da favela (...). Intuía que tudo era muito pouco. A luta devia ser maior ainda. Menina Querença tinha treze anos, como seu primo Tático que havia ido por aqueles dias. Querença olhou novamente o corpo magro e a fantasia da avó. Desviou o olhar e entre lágrimas contemplou a rua. O sol passado de meio-dia estava colado no alto do céu. Raios de luz agrediam o asfalto. Mistérios coloridos, cacos de vidro – lixo talvez – brilhavam no chão (EVARISTO, 2016, pp. 35-37, grifos nossos).

> "Antes de entrar no mercado, sempre comprávamos linhas e botões numa pequena lojinha, e mamãe me deixava escolher as continhas que ela usaria para enfeitar meus vestidos brancos. Eu amava os bordados que ela fazia nas minhas roupas; hoje percebo que enxergava seu tempo dedicado aos meus vestidos como um tempo dedicado a mim. (...) Querida tia, *estive pensando em aprender a bordar*. (...) Caso mamãe esteja ao seu lado, tia, por favor, diga-lhe que comecei a bordar sua camisola branca (ARRAES, 2019, pp. 51-53, grifos nossos).

Bordando um tecido literário a partir de fricções peculiares entre realidade e ficção, Conceição Evaristo e Jarid Arraes constroem suas narrativas por meio da vivência ficcional de personagens femininas. Em comum, os contos *Duzu-Querença* e *Bordado em branco* personificam figuras femininas que enxergam no bordado/na costura o ato de reinventar a vida – uma possibilidade de libertação. Entre a dominação e a libertação, as protagonistas dos contos tecem possibilidades de reinvenção, porque entendem que as suas vivências não se bastam em um viés linear, homogêneo, monológico. Os brilhos, os bordados, as costuras e as cores atendem às suas necessidades de inserir camadas de fôlego, autoria e liberdade à tessitura de suas vidas.

É assim que, assumindo uma postura *IN*disciplinar, Duzu, mesmo em situação de rua, busca na costura de papéis brilhantes catados no chão um caminho para reinventar a própria vida e amenizar a dor – dentre tantas outras – de ter perdido o neto. De maneira similar, a protagonista de *Bordado em Branco* redige cartas à tia já falecida e confessa que, após a morte de sua mãe, pretende lhe bordar uma camisola branca, como possibilidade de reestabelecimento de um vínculo afetivo. Percebemos, pois, que o bordado/a costura, nas duas narrativas, constitui-se como afetação diante de uma realidade social incontrolavelmente solitária. Nesse sentido, a semântica de afetação

ergue-se como possibilidade de afetar-se pela vida, significando o contrário de um caminhar disciplinado, programado, linear.

Assim como as protagonistas dos mencionados contos, percebemos que viver a contemporaneidade pressupõe a busca por novas epistemes, que subvertam uma perspectiva linear, homogênea, monológica, objetivista. É nesse horizonte que a Linguística Aplicada *IN*disciplinar se inscreve, buscando criar inteligibilidades sobre as questões sociais (MOITA LOPES, 2006). Para tanto, usamos a metáfora do *bordado* como possibilidade de reinvenção da vida, assumindo o entrelaçamento/o diálogo entre linhas e tecidos como modo de produzir pesquisas no mundo contemporâneo.

É importante mencionar, no entanto, que produzir pesquisa em Linguística Aplicada (doravante LA) nem sempre pressupôs esse manusear de *entrelaçamentos* e *bordados*. Em seu surgimento, na década 1940, a LA vinculou-se à perspectiva de aplicação de teorias linguísticas, visando ao desenvolvimento de materiais de ensino de línguas, durante a Segunda Guerra Mundial. Em seguida, voltou-se também às perspectivas da tradução, ainda funcionando como extensão da chamada disciplina-mãe, a Linguística. Nesses casos, como ciência aplicada, a LA seria vista como menor em relação à ciência pura, a Linguística (CELANI, 1992).

Apenas a partir dos anos finais da década de 1970, linguistas aplicados passaram a questionar essa relação entre a Linguística e a Linguística Aplicada, defendendo sua autonomia e a necessária desvinculação à ideia de aplicação de teorias. Desse modo, em 1986, Marilda Cavalcanti definiu que a LA "é abrangente e multidisciplinar em sua preocupação com questões de uso de linguagem" (1986, p. 9), advogando, assim, que a área tem como foco as ações de interação (oral ou escrita) nas quais entram em cena os jogos de equilíbrio/desequilíbrio de poder. Nesse artigo, Cavalcanti já defendia a LA como espaço para pesquisas que se aperfeiçoem, fazendo-se e refazendo-se, em vez de buscar dar respostas para aplicações de teorias vinculadas ao estruturalismo e ao gerativismo.

Em seu texto "Afinal, o que é Linguística Aplicada?", de 1992, Celani apresenta a visão interdisciplinar da LA ao afirmar que tal área de pesquisa "usa não só informação da Sociologia, da Psicologia, da Antropologia [...], bem como da Linguística" (1992, p. 17). Dessa maneira, a LA passa a ser vista como uma possibilidade de mediação entre teorias e práticas relacionadas ao uso da linguagem, defendendo-se a equivalência entre as áreas dos estudos sociais em uma abordagem mais interdisciplinar.

Assim, em 1990, fundou-se a Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB), comprometendo-se com a (re)construção de um viés acadêmico-científico dinâmico e reflexivo. Além disso, é de grande interesse da ALAB, desde a sua fundação, a desconstrução da LA como mera aplicação linguística, assumindo para a área a vertente investigativa para usos situados de linguagem nas diversas práticas sociais. Nessa década, reforçou-se a perspectiva interdisciplinar da LA, embora os sujeitos ainda fossem vistos em muitas pesquisas da área como homogêneos.

A LA, hoje, constrói grande parte de suas investigações a partir da esfera *IN*disciplinar (MOITA LOPES, 2006), transgressiva (PENNYCOOK, 2006), vinculada à perspectiva da desaprendizagem (FABRÍCIO, 2006). É, pois, um espaço para *bordados* que se fazem, desfazem, refazem, problematizando questões de relevância social. Portanto, vale-nos o que afirma Pennycook: "é dever da LA examinar a base ideológica

do conhecimento que produzimos" (1998, p. 22). Nesse momento, desconstrói-se a noção de apartamento entre política/ideologia e pesquisa científica, porque se entende que a LA é um espaço voltado para a inclusão das vozes sociais silenciadas, dos sujeitos que estão à margem, nas franjas da sociedade, buscando-se falar com eles – em vez de enunciar por eles. É, ainda, importante destacar que, embora coexistam correntes para a LA no mundo, hoje, o Brasil tem apresentado grande enfoque em pesquisas *IN*disciplinares.

Nessa vertente *IN*disciplinar da LA, "a visão performativa de linguagem [...] contempla a dinâmica entre sedimentação e ruptura, apurando o olhar para os excessos e as fissuras dos regimes de normatização.", conforme defendem Fabrício e Szundy (2019, p. 77). Assim, há uma forte implicação ética, política e ideológica para as pesquisas na área, assumindo-se que as investigações em LA não se propõem neutras – pelo contrário, *bordam-se* em responsabilidade e responsividade (AMORIM, 2017a). Portanto, neste artigo, defendemos que "o conhecimento não é possível sem a experiência, e a experiência é inconcebível sem os sentidos e os sentimentos que acordam em nós" (SANTOS, 2019, p. 237). É nessa perspectiva dialógica que o linguista aplicado se imbrica, visando a construir *ações-enquanto-posições* para respaldar suas *ações-enquanto--movimentos* (SANTOS, 2019, p. 205), a fim de produzir fricções teórico-metodológicas acerca de ensino-aprendizagem, discursos e identidades na contemporaneidade.

Considerando, pois, esse percurso da LA no Brasil, depois da criação de Programas de Pós-Graduação em Linguística Aplicada,[3] como o programa pioneiro da PUC-SP, em 1970, observam-se estas posturas epistemológicas para a área: i. relação com o ensino--aprendizagem de línguas estrangeiras (LE) – sobretudo, a língua inglesa; ii. aplicação de teorias linguísticas; iii. investigações aplicadas sobre estudos de linguagem como prática social, em uma dimensão interdisciplinar; iv. ruptura de modelos rígidos, tornando a área forte, responsiva e dinâmica.

Assim, partindo da metáfora do *bordado* que cria possibilidades de reinvenção para a vida, este artigo propõe-se a investigar, especificamente, o escopo da LA para a pesquisa acerca do ensino de literatura, considerando as edições do Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada (CBLA) – maior evento da área, organizado e financiado pela já citada ALAB – dos últimos dez anos (2009-2020). Aqui, interessa-nos também a investigação das dissertações e teses defendidas em alguns Programas de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (UNICAMP, UFRJ e UECE),[4] também nos últimos dez anos, a fim de verificar não apenas as pesquisas da LA que se dedicam ao ensino de literatura, mas também o (possível) caráter interdisciplinar, transdisciplinar e/ou *IN*disciplinar dessas pesquisas.

[3] No Brasil, existem atualmente os seguintes programas para a área da LA: Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (PUC-SP), Linguística Aplicada (UECE, UnB, UNICAMP, UNISINOS e UNITAU), Interdisciplinar Linguística Aplicada (UFRJ) e Estudos da Tradução (UFSC).

[4] Os critérios utilizados para a seleção dos programas foram os seguintes: i. programa com cursos de Mestrado e Doutorado; ii. programa não misto, isto é, com titulação e afiliação específica à área de Linguística Aplicada; e iii. programa que apresente em sua *webpage* oficial docentes ou projetos de pesquisa na área de ensino de literatura, leitura literária ou letramento literário.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 163 – 189 | set/dez 2020

As investigações em torno do ensino de literatura, portanto, permitem dialogar com áreas como a Educação, os Estudos da Linguagem e os Estudos Literários? Com quais pressupostos e abordagens da área de Linguística Aplicada os trabalhos analisados dialogam? Estão essas pesquisas preocupadas com a proposição de novas alternativas a um ensino de literatura comprometido com questões contemporâneas? Tais pesquisas são construídas a partir do (necessário) diálogo entre a academia e a Educação Básica? Essas e outras questões podem ser problematizadas a partir das produções acadêmicas que serão analisadas no presente artigo, que emerge como uma possibilidade de pensar o ensino de literatura menos como uma disciplina e mais em sua imbricação com a vida social contemporânea (SILVA, 2018).

Para tanto, importa-nos destacar, agora, como este trabalho será dividido: na próxima seção, apresentaremos mais detalhadamente a relação entre a ALAB, o CBLA e o ensino de literatura; na terceira seção, discorreremos sobre alguns caminhos teóricos implementados nas práticas de ensino de literatura até hoje nas áreas de Educação e Estudos Literários, partindo de perspectivas mais tradicionais até posicionamentos mais contemporâneos; em seguida, na quarta seção, analisaremos as pesquisas realizadas nos Programas de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (UNICAMP, UFRJ e UECE) nos últimos dez anos; por fim, exporemos nossas considerações finais.

Assim, mais preocupados com *bordar* caminhos a partir da LA para um ensino de literatura responsável e responsivo, que não entenda o texto como mero pretexto para revelar verdades do autor, de escolas literárias ou de gêneros textuais *gramaticalizados*, temos como objetivo aqui o *transbordar* de epistemes *IN*disciplinares para o ensino-aprendizagem de literatura. Com isso, esperamos compreender e fortalecer a viabilidade de produções acadêmicas que investiguem o ensino da literatura em Programas de Pós-Graduação em Linguística Aplicada.

2. A ALAB, O CBLA E O ENSINO DE LITERATURAS

A Associação de Linguística Aplicada do Brasil, como sinalizamos, foi criada em julho de 1990, durante um encontro do grupo de trabalho de LA da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL), realizado na Universidade Federal de Pernambuco, em Recife, cerca de 20 anos após a fundação do primeiro programa de pós-graduação brasileiro na área. A fundação da ALAB se deu, principalmente, a partir do "desenvolvimento da LA e [d]o crescimento do número de pesquisadores que se reconhecem como linguistas aplicados[, o que] levou à necessidade de representação política" (SZUNDY e NICOLAIDES, 2013, p. 20). Moita Lopes (1996) ressaltava ainda que a organização política da área em uma associação era importante, inclusive, para que a LA fosse considerada como campo digno de financiamento por órgãos de fomento. Além disso, a fundação da ALAB também visava a organizar e responder a questionamentos de linguistas aplicados sobre a área, de forma mais geral:

> A criação da ALAB está inter-relacionada com discussões em torno da pergunta *"Afinal, o que é Linguística Aplicada?"* realizadas em três eventos em 1990: GT de LA da ANPOLL (UFPE), III Simpósio de LA (UFRJ) e Intercâmbio de Pesquisa em LA (PUC-SP) [...]. Inspirada por esta pergunta, e negando a orientação inicial da LA [como área subordinada à ciência linguística], a ALAB tem como objetivo, desde a sua fundação, "(re) construir um lócus acadêmico-científico dinâmico e reflexivo,

> fomentando, por sua vez, estudos e reflexões da área de LA, não concebida mais como aplicação de teorias linguísticas, mas como um campo de investigação indisciplinar, transgressiva e híbrida" (SZUNDY e NICOLAIDES, 2013, pp. 21-22).

A partir de então, tornam-se objetivos da ALAB também a busca pelo aumento de incentivos culturais e econômicos para pesquisas em LA, o fomento a revistas e publicações científicas em LA e a divulgação de investigações desenvolvidas na área. Nesse contexto, a partir de sua terceira edição, em 1992, a ALAB passa a organizar o Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada, inicialmente, a cada três anos e, desde 2011, a cada dois anos. Archanjo (2011), em artigo que analisa a construção da identidade da LA no Brasil a partir dos CBLAs, ressalta ser esse congresso a conferência máxima da área no país, além de um importante fórum de divulgação científica, uma vez que, nesse evento, "a comunidade científica da área se questiona sobre sua prática e sobre os rumos que segue ou pretende seguir" (2011, p. 612).

Indo além, a autora afirma que, ao se criar um evento científico específico de uma área, como o CBLA no contexto da LA, busca-se viabilizar o aumento da visibilidade do campo de pesquisas por meio da divulgação daquilo que ele produz e dos pesquisadores que nele se inserem. Dessa forma, eventos como CBLA funcionam como espaços de (re)afirmação do campo, configurando-se como iniciativa científica, mas também de ordem política e social. Nesses eventos, são refratados discursivamente, numa perspectiva a partir do Círculo de Bakhtin – que entende a construção discursiva como tendo lugar nas relações dialógicas inerentes a todo o funcionamento da língua(gem) –, posicionamentos éticos, valorativos e políticos dos pesquisadores da área, o que, por sua vez, *borda*, a partir das múltiplas vozes sociais que se encontram e entram em embate na tentativa de construção discursiva do tecido do evento, espaços e caminhos para a pesquisa em LA no Brasil.

É nesse contexto que se torna essencial, ao nosso ver, investigar de que forma o fio das pesquisas em ensino de literatura tem se entrelaçado no ato de se *bordar* o campo da LA performado pelos CBLAs nos últimos dez anos. A opção por avaliar apenas os eventos nesse período se dá, sobretudo, pela crença de que os últimos eventos podem nos ajudar a construir uma fotografia mais contemporânea da área e das pesquisas nela realizadas. Focar-nos-emos também, especialmente, na análise da programação principal – conferências, mesas redondas e simpósios – dos eventos realizados em 2011, 2013, 2015 e 2019[5], a partir da leitura de documentos como as Circulares e o Caderno de Programação ou, ainda, o Caderno de Resumos do evento. No entanto, sempre que necessário, recorreremos também à programação das sessões de comunicação e de pôsteres e a livros oficiais organizados pelo evento para ampliar o panorama aqui desenhado.

É importante ressaltar também que o CBLA é um evento itinerante, sendo realizado na instituição na qual estão sediadas a presidência e a tesouraria da ALAB e que, apesar de se configurar como um evento nacional, conta com a participação de docentes, pesquisadores, profissionais liberais, alunos de pós-graduação e graduação, além de demais interessados na área de LA, não só do Brasil, mas também de outros países,

[5] Em 2017, o CBLA não foi realizado devido à organização do Congresso Mundial de Linguística Aplicada, no Rio de Janeiro, uma parceria da ALAB com a Associação Internacional de Linguística Aplicada (AILA).

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 163 – 189 | set/dez 2020

sobretudo da América do Sul. Os quatro CBLAs aqui analisados tiveram lugar nas cidades do Rio de Janeiro/RJ (2011 e 2013), Campo Grande/MS (2015) e Vitória/ES (2019), e foram sediados, respectivamente, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), pela Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS) e pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

O CBLA de 2011, realizado na UFRJ e com cerca de mil participantes, teve como tema *Linguística Aplicada e Sociedade*. Nesse evento, o IX CBLA, os organizadores incitaram "os pesquisadores a repensar o papel do linguista aplicado nos diferentes domínios discursivos da sociedade, e formas de melhor divulgar o conhecimento construído na área" (SZUNDY e NICOLAIDES, 2013, p. 30). Ademais, o evento estabeleceu como meta "discutir como as pesquisas na área têm ajudado a compreender os problemas sociais" (SZUNDY e NICOLAIDES, 2013, p. 30). No evento, foi lançado um livro sob o título *Linguística Aplicada e sociedade: ensino e aprendizagem de línguas no contexto brasileiro* (SZUNDY et. al., 2011), organizado pelos então membros da diretoria da ALAB, que se propunha a apresentar um panorama das pesquisas em LA, mapeando a heterogeneidade dos objetos de pesquisa da área. Nessa obra, que apresenta três diferentes partes – Gêneros e ensino, A educação dos professores de línguas e Identidades, tecnologia e material didático –, nenhum capítulo versa direta ou indiretamente sobre o ensino de literaturas.

Na programação principal do evento, a situação não foi muito diferente. As quatro conferências principais, ministradas por Inês Signorini (UNICAMP), Claire Kramsch (University of California), Barbara Seidlhofer (University of Viena) e Pedro Garcez (UFRGS), versaram sobre temas como transdisciplinaridade, cultura, inglês como língua franca e ensino de línguas, mas sem qualquer referência direta ao ensino de literaturas. A palestra ministrada por Kramsch, no entanto, intitulada *Between language e literature: applied linguistics*, teceu interessantes considerações sobre uma abordagem de estudo da cultura em LA em diálogo com o campo dos estudos literários. Já as mesas-redondas do evento, seis, ao total, apresentaram temáticas como letramento e ensino de línguas, gêneros e ensino de línguas, novas tecnologias e ensino de línguas, LA e sociedade, materiais didáticos e políticas linguísticas, não se relacionando, em quaisquer níveis, com a abordagem de textos literários em salas de aula. O foco, como se pode observar, esteve, sobretudo, no ensino de línguas, que, como já apontamos, é historicamente ligado ao campo da LA.

Dentre os 21 simpósios do evento, no entanto, um mereceu destaque: *Literatura, Leitura e Ensino*, coordenado pelos professores Roberto Rocha e Michela Di Candia, ambos da UFRJ. Nesse simpósio, foram apresentados três diferentes trabalhos que abordavam diretamente a questão do ensino de literaturas: i. *Ensino de Literatura e formação crítica do professor de inglês a distância*, de Dánie Marcelo de Jesus e Divanize Carbonieri; ii. *O letramento literário através do conflito e da complexidade, de Cielo G. Festino; e iii. Refletindo sobre a prática da leitura de textos literários em língua inglesa*, de Michela Di Candia. O quarto trabalho do simpósio versava sobre tradução literária, não sobre ensino. Como é perceptível, dos três trabalhos, dois ainda se encontravam diretamente relacionados pelos seus títulos à língua inglesa e seu ensino. O único que, num congresso de LA, pareceu não se valer, de certa forma, do ensino de literatura a partir da relação com a língua estrangeira, foi aquele apresentado por Cielo G. Festino.

Na programação de comunicações e pôsteres, cinco trabalhos se destacaram por se relacionarem diretamente ao ensino de literaturas. Dentre esses, dois relacionavam o texto literário ao ensino de língua inglesa, um investigava a relação entre o letramento literário e a educação em tempo integral, um apresentava o conceito de fruição do texto literário a partir de uma pesquisa de campo no Ensino Médio e um discutia a relação entre material didático e ensino de literaturas. A presença desses trabalhos em um evento que não apresentava como tema ou como eixo de comunicações o ensino de literaturas – havia, no entanto, um eixo denominado *Linguagem e literatura* – e do simpósio mencionado, já indica, de alguma forma, uma movimentação dos linguistas aplicados em prol de investigações no campo da abordagem de textos literários em salas de aula, mesmo que ainda de forma muito relacionada ao ensino-aprendizagem da língua inglesa.

O X CBLA, realizado também na UFRJ, em 2013, propôs como tema *Política & Políticas Linguísticas*. O evento reuniu cerca de oitocentos participantes com o objetivo de criar condições para "a implementação de um espaço para que se discut[isse] não somente políticas linguísticas como [vinha] acontecendo em diferentes esferas educacionais, mas também sobre política, ou seja, o papel do linguista aplicado nos diferentes domínios discursivos e formas de melhor divulgar o conhecimento construído na área", como informado na Circular do congresso. No entanto, apesar de, de acordo com Amorim (2017b), ser evidente o lugar da literatura na política linguística – ao considerarmos não apenas a função da literatura na educação linguística brasileira, mas também o impacto dessa arte na construção de práticas educacionais humanizantes, éticas e esteticamente responsáveis e o papel do literário na construção de universos culturais múltiplos nas escolas públicas e privadas brasileiras –, a programação principal do evento não apresentava quaisquer discussões que envolvessem a abordagem do literário e de seu ensino.

No total, o X CBLA apresentou quatro conferências, ministradas por Roxane Rojo (UNICAMP), Lynn Mário Menezes de Souza (USP), Suresh Canagarajah (Pennsylvania State University) e Elana Shohamy (Tel Aviv University), quatro mesas redondas e uma seção de debates. As palestras versaram sobre temas como Linguística Aplicada e globalização, política linguística e colonialidade, migração e circulação de conhecimento e horizonte linguísticos e políticas linguísticas em espaços públicos. Já as mesas redondas, por sua vez, abordaram temáticas como as políticas de implementação e avaliação de programas de pós-graduação em estudos da linguagem, políticas para o ensino-aprendizagem de línguas, línguas minoritárias e políticas linguísticas para a formação de professores. Por fim, a seção de debates centrou-se na discussão sobre a ciência linguística e suas interfaces. Nesse evento, assim como no IX CBLA, foi lançado um livro organizado pela então direção da ALAB. Nesse livro, intitulado *Políticas e políticas linguísticas* (NICOLAIDES et. al., 2013) e publicado pela Pontes Editores, que busca a apresentação de pesquisas que ressaltam o papel implicado, situado e engajado das investigações dos linguistas aplicados em diferentes esferas sociais, novamente não encontramos capítulos que remetam direta ou indiretamente ao ensino de literaturas.

Apesar da inexistência de discussões sobre ensino de literaturas na programação geral e no livro do evento, na programação das comunicações e pôsteres, no entanto, é perceptível um sensível aumento do número de trabalhos sobre a temática: nessa

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 163 – 189 | set/dez 2020

edição do CBLA, nove trabalhos foram apresentados com temáticas em diálogo direto com a área da educação literária. Esses trabalhos abordaram temas como gêneros discursivos e ensino de literaturas, letramentos críticos, multiletramentos e ensino de literaturas, poesia e sala de aula, literatura e ensino de língua inglesa e espanhola, adaptação e ensino de literaturas, feminismo e leitura literária, formação de professores e ensino universitário de literaturas. Dessa forma, além de um sutil crescimento quantitativo, é visível uma ampliação dos temas das investigações, que não se focam mais, em sua maioria, na relação entre o texto literário e o ensino de língua inglesa.

O XI CBLA, sob o tema *Linguística Aplicada para além das fronteiras*, teve como objetivos abordar "questões complexas para a área e fomentar discussões por meio de diferentes olhares", conforme explicitado nas Circulares do evento. Realizado pela UEMS, em Campina Grande - PB, o evento contou com cerca de oitocentos participantes, divididos em diferentes modalidades de apresentação. Na programação principal, havia quatro conferências, quatro mesas redondas, um debate e uma plenária de balanços e perspectivas. Não foi possível recuperar, seja no *website* oficial da ALAB ou em outros sítios da internet, o arquivo oficial com a programação central desse CBLA. No entanto, a partir de relatos on-line[6] publicados por pesquisadores que participaram do evento, identificamos que, novamente, nessa programação, não teve lugar a discussão sobre o ensino de literaturas. Os temas abordados nas conferências e mesas trataram de Linguística Aplicada e transgressão – tema, inclusive, da conferência de abertura ministrada por Branca Falabella Fabrício (UFRJ) – a questões de gênero, raça e sexualidade, passando por discussões como internacionalização e materiais didáticos. Esses temas também foram refratados no livro *Linguística aplicada para além das fronteiras* (MACIEL et. al., 2018), organizado a partir das questões levantadas no XI CBLA, novamente sem nenhum capítulo que dialogasse direta ou indiretamente com a questão do ensino de literaturas.

Na programação geral de comunicações e pôsteres, no entanto, outra vez temos um sutil aumento no número de trabalhos sobre o ensino de literatura. A partir da leitura do Caderno de Resumos[7] do XI CBLA, constatamos que onze comunicações e pôsteres versaram diretamente sobre a temática a partir das mais diversas abordagens. Dentre essas abordagens, as pesquisas apresentadas dialogavam temas como literatura infanto-juvenil, letramento, livro didático, cinema e multiletramentos, letramentos críticos, ensino de literaturas de língua inglesa, avaliação, conscientização literária, homoerotismo, formação de leitores, política linguística e apropriação literária. A abordagem de temas tão variados demonstra, mais uma vez, uma ampliação da perspectiva das pesquisas em torno do ensino de literaturas, que, agora, pouco conversa com a relação entre leitura literária e ensino de língua estrangeira, como aconteceu no caso do IX CBLA, conforme sinalizamos.

O último evento aqui analisado, o XII CBLA, de 2019 – proposto pela diretoria da ALAB, que então estava sediada na UFES, em Vitória-ES – teve por tema *Transitando e transpondo (n)a Linguística Aplicada*. O objetivo maior do evento foi o de "discutir o

6 Relatos como o publicado pela Profa. Eliane Azzari no website https://breltchat.wordpress.com/2015/07/20/brelt-no-xi-cbla-por-eliane-azzari/>. Acesso em 25.04.2020

7 Agradecemos à Branca Falabella Fabrício, membro da atual direção da ALAB (Biênio 2020-2021), por ter gentilmente nos fornecido o Caderno de Resumos do XI CBLA, também não encontrado on-line

papel do linguista aplicado nos diferentes domínios discursivos e formas de melhor divulgar o conhecimento construído na área", como informado no site do Congresso. O XII CBLA contou com cerca de setecentos participantes, distribuídos por diferentes modalidades de apresentação de trabalhos. A programação geral do evento foi composta por quatro conferências, três mesas redondas e oito simpósios convidados, além de uma seção de balanços e perspectivas. Nas conferências, ministradas pelos professores Vera Menezes (UFMG), Vilson Leffa (UFPEL), Viviane Herberle (UFSC) e Walkiria Monte Mor (USP), os temas debatidos versaram sobre gêneros de linguagem, multimodalidade, multiletramentos, ensino de línguas e formação crítica de professores de linguagem.

Já nas mesas redondas, foram abordados temas relacionados à formação de professores de línguas, às tecnologias e ao ensino de línguas, além da relação entre materiais didáticos e ensino de línguas. Dentre os oito simpósios, organizados sobre temas como tradução, identidades, análise do discurso, aquisição de linguagem, internacionalização e línguas, políticas linguísticas, linguagem e complexividade e letramentos, apenas o intitulado *Letramentos: múltiplas perspectivas no contexto educacional* apresentou, dentre os seis trabalhos expostos, um sobre leitura e letramento literário, de autoria de Marcel Alvaro de Amorim. No livro editado pelos organizadores do evento e intitulado *Transitando e transpondo n(a) Linguística Aplicada* (FINARDI et. *al*., 2019), no entanto, dentre as quatro seções e onze capítulos apresentados, mais uma vez não foi encontrado nenhum dedicado, direta ou indiretamente, à literatura e seu ensino. Os capítulos centram-se prioritariamente na discussão sobre ensino de línguas em diálogo com temas como internacionalização, material didático, letramento crítico, entre outros.

Curiosamente, dentre os CBLAs aqui analisados, o XII CBLA foi aquele que teve em sua programação de comunicações o maior número e variedade de trabalhos sobre ensino de literaturas. No total, vinte e três trabalhos foram apresentados, versando não apenas sobre a relação entre leitura literária e ensino de língua inglesa, que foi comum, por exemplo, na programação de comunicações do IX CBLA, mas também sobre as relações entre a leitura literária e o ensino de literatura com materiais didáticos, tradução, círculos de leitura, documentos oficiais, letramentos críticos, letramentos digitais, produção textual, formação do leitor, desigualdade e educação, letramentos de reexistência, música, educação profissional e tecnológica, entre outros temas. Portanto, é possível atestar, a partir da análise das programações dos CBLAs, um crescente interesse em pesquisas que tematizam o ensino de literaturas no contexto da Linguística Aplicada brasileira. Apesar de a programação principal desses eventos dialogar, ainda que discretamente, com o campo de pesquisas da educação literária, é perceptível que, aos poucos, o ensino de literaturas vem encontrando seu lugar nas comunicações dos CBLAs, cujos trabalhos colocam em diálogo conceitos que comumente circulam no campo da LA com conhecimentos basilares construídos nas áreas de Literatura e Educação.

Nas próximas seções, então, realizaremos um levantamento sobre as discussões mais difundidas acerca do ensino de literaturas nas áreas de Estudos Literários e Educação para, na nossa quarta seção, compreendermos de que forma essas discussões se entrelaçam no *bordado* de dissertações e teses da área da LA que investigam a abordagem dos textos literários nas salas de aula brasileiras.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 163 – 189 | set/dez 2020

3. ENSINO DE LITERATURAS: ALGUNS CAMINHOS TEÓRICOS EM TRAVESSIA ATÉ AQU[8]

Com o objetivo de investigar o espaço que o ensino de literaturas ocupa/pode/deve ocupar na Linguística Aplicada, percebemos a importância de buscar traçar um breve percurso histórico dos estudos acerca da imbricação entre Educação e Literatura na academia brasileira. É notório, todavia, que pretendemos apresentar alguns caminhos teóricos da área de ensino de literaturas percorridos até hoje, sem o intuito de esgotá-los.

Considerando, portanto, as pesquisas e as publicações de grande relevância, acerca do ensino de literatura no Brasil, nos últimos quarenta anos, entendemos ser fundamental recorrermos às contribuições de Marisa Lajolo e Regina Zilberman para a área. Próximas à Teoria da recepção, idealizada pelo alemão Hans Robert Jauss, as duas autoras têm obras de imensa circulação nas pesquisas acadêmicas, desde a década de 1980, como *A literatura infantil na escola* (ZILBERMAN, 1981) e *Usos e abusos da literatura na escola* (LAJOLO, 1982), entre outros títulos comumente citados em trabalhos sobre ensino de literaturas.

Para entender as contribuições de Marisa Lajolo para a área de ensino de literaturas, é preciso, antes de tudo, pontuar que que a autora foi orientanda do crítico literário Antonio Candido, tanto em suas pesquisas de mestrado (1972-1975) quanto de doutorado (1976-1980), na Universidade de São Paulo (USP). Em 1979, Lajolo tornou-se docente no departamento de Teoria Literária da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), onde desenvolveu pesquisas sobre a obra e a vida do escritor Monteiro Lobato, publicando livros importantes como *Monteiro Lobato: metalinguagem, leitura, (re)escrita e o sistema literário brasileiro* e *Monteiro Lobato e outros modernistas brasileiros*, além de ter se dedicado a pesquisas sobre leitura, como atestam as obras *Memórias da leitura I, II e III*. Docente aposentada da Unicamp, atualmente Lajolo leciona na Universidade Presbiteriana Mackenzie, no Centro de Comunicação e Letras, onde, desde 2006, está à frente de pesquisas relacionadas à literatura e à leitura, sem, contudo, abandonar a pesquisa envolvendo Monteiro Lobato e a profissionalização do escritor no século XIX.

Como pesquisadora e docente universitária, Lajolo produziu e produz obras de grande alcance para a pesquisa acadêmica e para a formação de professores. Em 1982, publicou o artigo *O texto não é pretexto* no livro *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*, organizado por Regina Zilberman. Quase trinta anos depois, reafirmando seu compromisso e dando continuidade ao seu interesse na relação entre leitura e ensino na Educação Básica, Lajolo escreveu o capítulo *O texto não é pretexto. Será que não é mesmo?*, publicado no livro *Escola e leitura: velha crise. Novas alternativas*, também organizado por Zilberman, em parceria com Tania M. K. Rösing. Em seu texto de 2009, Lajolo afirma que o tom de sua escrita em 1982 era "assertivo, categórico, definitivo e peremptório", o que a pesquisadora não mais procura fazer. É interessante mencionar o que a autora defende em seu capítulo mais recente:

[8] É importante mencionar que, nesta seção, apresentamos apenas um recorte das principais pesquisas nas áreas de Estudos Literários e Educação sobre o ensino de literaturas. Apesar de não citados aqui, é importante registrar que existem no Brasil pesquisadores com relevantes contribuições para esse campo, tais como: José Helder Pinheiro Alves, Marcia Cabral da Silva, Ana Crélia Dias, Robson Coelho Tinoco, Egon de Oliveira Rangel, Patrícia Corsino, entre outros.

> Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significação, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista (LAJOLO, 2009, p. 101).

Mais adiante, no mesmo texto, apresentando uma espécie de ruptura com a tradição que se centra no (re)conhecimento de uma "verdade" a ser desvelada pelo texto e/ou pelo autor, a leitura literária é defendida por Lajolo como um processo que pressupõe a autonomia do leitor, a partir de um entrelaçamento de sentidos – o do texto, o do autor e o do próprio leitor. Lajolo (se) justifica:

> Não acredito mais na autonomia do texto, nem na solidão, nem no caráter individual da escrita e da leitura. Aprendi que no texto inscrevem-se elementos que vêm de fora dele e que os sujeitos que se encontram no texto – autor e leitor – não são pura individualidade. São atravessados por todos os lados pela história: pela história coletiva que cada um vive no momento respectivo da leitura e da escrita, e pela história individual de cada um; é na interseção destas histórias, aliás, que se plasma a função autor e leitor (2009, p. 104).

No seu livro *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*, publicado originalmente em 1993, Lajolo levanta um importante questionamento acerca dos discursos aventados por docentes da Educação Básica no Brasil. Para a autora, as reflexões pedagógicas ignoram a concepção de literatura que fundamenta as aulas na escola: "O que fazer com ou do texto literário em sala de aula funda-se, ou deveria fundar-se, em *uma concepção de literatura muitas vezes deixada de lado em discussões pedagógicas*" (LAJOLO, 2011, p. 8, grifos nossos) Nesse sentido, o texto traz uma crítica aos professores que sempre se lamentam das dificuldades e dos desafios de levar a leitura literária para a sala de aula, que comumente reclamam da resistência dos jovens estudantes à leitura de literatura na escola, mas não propõem um caminho autoral de atuação, muitas vezes porque – explica a autora – as teorias da literatura estudadas nas universidades, quando didatizadas para o contexto da Educação Básica, parecem se "rarefazer" (LAJOLO, 2011, p. 11).

Em esteira teórica similar à de Lajolo, Regina Zilberman formou-se na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS), desenvolvendo sua pesquisa de doutorado na Ruprecht-Karls-Universität Heidelberg, Alemanha, e investigações de pós-doutorado na Brown University, nos Estados Unidos, e University College London, na Inglaterra. Docente universitária por trinta anos na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), atualmente, Zilberman é professora da mesma instituição em que se graduou em 1970. Na UFRS, está à frente de linhas de pesquisas como: *História da literatura e formação das literaturas em Língua Portuguesa, Literatura Infanto-Juvenil, leitura e ensino* e *Literatura do Rio Grande do Sul*.

Como pesquisadora e docente universitária, Zilberman tem muitas publicações que são lidas e relidas por pesquisadores e por professores em formação. Durante os anos de pesquisa e docência na PUCRS, ela trabalhou no intitulado *Centro de Pesquisas Literárias* (CPL), e promoveu investigações sobre teorias literárias do século XX, sobre a história da literatura e sobre o ensino de leitura literária – no ensino fundamental e na educação infantil. Foi, então, em consonância com as concepções teóricas e

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 163 – 189 | set/dez 2020

metodológicas da Estética da Recepção que, desde os anos 1970, os estudos sobre o ensino de literatura puderam traçar um caminho alternativo à imanência dos estruturalistas dos anos 1960 e 1970. Com isso, as pesquisas sobre ensino de literaturas passaram a destacar o papel do leitor no processo de leitura dos textos literários.

Segundo Maria da Glória Bordini (2004, p. 36), já na década de 1980, a preocupação com o ensino da leitura literária "entrou na linha de frente" do CPL, atendendo à carência de formar docentes para ensinar literatura nas escolas. Assim, com base na experiência de anos à frente de pesquisas relacionadas à leitura e ao leitor, em livro organizado pela própria Zilberman em parceria com a pesquisadora Tania Rösing, a autora defende, em capítulo de sua autoria, a imbricação entre a leitura literária e a realidade. Para ela, é preciso verificar "em que medida a leitura da literatura reproduz a convivência com o mundo exterior, também essa como modalidade de lê-lo" (ZILBERMAN, 2009, p. 32). A autora, considerando a relação entre ficção-realidade-leitor, assume a importância do leitor ao afirmar que

> [...] a obra de ficção, fundada na noção de representação da realidade, exerce tal papel sintético de forma mais acabada, fazendo com que leitura e literatura constituam uma unidade que mimetiza os contatos materiais do ser humano com seu contorno físico, social e histórico, propondo-se mesmo a substituí-los. [...] Sendo uma imagem simbólica do mundo que se deseja conhecer, ela [a leitura] nunca se dá de maneira completa e fechada: ao contrário, sua estrutura, marcada pelos vazios e pelo inacabamento das situações e das figuras propostas, relação a intervenção de um leitor, o qual preenche essas lacunas, dando vida ao mundo formulado pelo escritor (ZILBERMAN, 2009, p. 33).

Em capítulo publicado no livro *Linguística Aplicada e ensino: língua e literatura*, de 2013, organizado por Gerhardt e Amorim, Zilberman defende que "a leitura literária pode ser qualificada como a mediadora entre cada ser humano e seu presente" (2013, p. 224). Para ela, o texto literário reclama um leitor comprometido, ativo, que preencha seus vazios e inacabamentos. Trata-se de um leitor que Zilberman caracteriza como "indiscreto", "penetrante" e "inquiridor" (2013, p. 225). Essa dimensão formularia uma espécie de ruptura com o ideal de leitura literária como fruição ou do texto como puro, pronto e acabado.

Se, por um lado, Lajolo e Zilberman contribuíram significativamente para os cursos de Letras nas faculdades que fazem e/ou que fizeram parte e para investigações no campo da leitura literária, por outro lado, é importante também mencionar o legado da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) para a área de ensino de literaturas, principalmente a partir da criação do *Grupo de Pesquisa Letramento Literário* (GEPELL). Projeto integrado ao Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale),[9] o GPELL foi criado em 1994, quatro anos após a inauguração do Ceale. Responsável por organizar eventos, o GEPELL sempre buscou estabelecer diálogo entre as pesquisas que tratam de ensino de literaturas e letramentos literários no âmbito acadêmico, as práticas docentes nas salas de aula da Educação Básica e a cadeia de produção/publicação/circulação de livros de literatura.

[9] Site oficial do Ceale: http://www.ceale.fae.ufmg.br/. Acesso em 01.08.2020.

Com a incumbência de formar docentes que vão atuar ou que já atuam em toda a Educação Básica, o GEPELL promove, desde 1995, um evento bienal intitulado *Jogo do Livro*, que culmina na publicação de um livro-coletânea, como alguns dos mencionados aqui: *O jogo do livro infantil – textos selecionados para formação de professores*, organizado por Graça Paulino, Ana Maria Clark Peres, Ângela Leite de Souza e Bartolomeu C. Queirós, de 1997; *A escolarização da leitura literária – O jogo do livro infantil e juvenil*, organizado por Aracy Alves Martins, Heliana Maria Brina Brandão, Maria Zélia Versiani Machado, de 2007; *Democratizando a leitura: pesquisas e práticas*, organizado por Graça Paulino, Aracy Alves Martins, Aparecida Paiva, Maria Zélia Versiani Machado, de 2004; *Leituras literárias – Discursos transitivos*, organizado também por Graça Paulino, Aracy Alves Martins, Aparecida Paiva, Maria Zélia Versiani Machado, de 2007. Vale dizer que, foi no interior das pesquisas do GEPELL que se difundiram conceitos importantes para a área de ensino de literaturas, como os conceitos de *letramento literário* (PAULINO, 2005; COSSON E PAULINO, 2009) e de *escolarização da leitura literária* (MARTINS, BRANDÃO e MACHADO, 2007).

O Ceale é, portanto, responsável pela consolidação de conceitos importantes tanto para a Educação quanto para a Linguística Aplicada, como o conceito de letramento e, por extensão, o de letramento literário. Para Magda Soares (1999, p. 107), fundadora e diretora-emérita do Ceale, o letramento é entendido como "um grande número de habilidades, competências cognitivas e metacognitivas, aplicadas a um vasto conjunto de materiais de leitura e gêneros de escrita, e refere-se a uma variedade de usos da leitura e da escrita, praticadas em contextos sociais diferentes". Letramento literário, por sua vez, é entendido como um processo de apropriação da literatura enquanto linguagem (PAULINO e COSSON, 2009).[10] Assim, ainda que o caminho para o letramento não se dê exclusivamente na/pela escola, é sabido o quanto essa instituição funciona como agenciadora/mediadora oficial da tarefa de ensinar a ler e a escrever (KLEIMAN, 1995), comprometendo-se com a formação de leitores – também literários – e produtores de textos. Conforme defende Magda Soares, no já mencionado livro *A escolarização da leitura literária*, é importante "que essa escolarização obedeça a critérios que preservem o literário, que propiciem à criança a vivência do literário, e não uma distorção ou caricatura dele" (SOARES, 2011, p. 42). Desse modo, é desejável um processo responsável de escolarização da leitura literária, evitando que a identidade dos sujeitos leitores seja negada "em nome de consensos" (COSSON e PAULINO, 2009, p. 71).

Assim como o GEPELL, do Ceale, ambos da Faculdade de Educação da UFMG, outros grupos e centros de pesquisa e de pesquisadores da área da Educação vêm reclamando espaço para discutir ensino de literaturas e leitura literária no ensino básico brasileiro. Nessa direção, julgamos importante destacar as contribuições das pesquisadoras Maria Amélia Dalvi, docente do Departamento de Linguagens, Cultura e Educação (DLCE), da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), e Neide Luzia de Rezende, docente da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP). Em artigo que publicaram

[10] É importante ressaltar que diversos pesquisadores têm buscado pluralizar e ressignificar a noção de letramento literário. No grupo de pesquisa do qual fazemos parte, PLELL – Práticas de Letramentos na Ensinagem de Línguas e Literaturas (IFRJ-UFRJ-CNPq), temos buscado, em diálogo com o conceito de Práticas de Letramento proposto por Brian Street (2003), enxergar as práticas de letramento literário como "[...] movimentos contínuos, responsivos e ideológicos de apropriação do literário como construção de sentidos sobre os textos, sobre nós mesmos e sobre a sociedade" (AMORIM et. al., no prelo).

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 163 – 189 | set/dez 2020

juntas, em 2011, sobre o ensino de literatura, Dalvi e Rezende afirmam que as produções em livro na área oscilam entre uma postura prescritiva – a que pretende sugerir ao professor da Educação Básica o que fazer ou não em sala de aula – e uma postura acadêmico-científica – a que, embasada em pesquisas teóricas e práticas, intenciona enriquecer as discussões, sem, com isso, repetir o já dito (DALVI e REZENDE, 2011, p. 37).

Nesse sentido, visando a ventilar investigações para a área, no capítulo "O ensino de literatura e a leitura literária", publicado no livro *Leitura de literatura na escola*, organizado por Neide Rezende em parceria com Maria Amélia Dalvi e Rita Jover-Faleiros, Rezende afirma que, historicamente, "a escola é menos livre que a sociedade: lida com objetivos e conteúdos inseridos num currículo ou programa" (2013, p. 107), o que implica dizer que o ensino de literatura está mais centrado nos objetivos curriculares que na potencial relação com o leitor-aprendente. Isso, obviamente, impede a integração do leitor com o universo ficcional, impede que ele construa sentidos para os textos literários que lê, enfim, impede o leitor de se apropriar efetivamente da literatura. É por isso que, conclui a autora, a escola precisa mudar.

Em capítulo publicado no mesmo livro, Maria Amélia Dalvi defende a aproximação entre educação e literatura. Sobre a leitura de literatura na escola, Dalvi observa que um "problema frequente é a adoção acrítica do discurso do 'ler por prazer', que privilegia uma função hedonista para a literatura." (2013, p. 74). Ao tratar do Ensino Médio especificamente, a autora reconhece que o "insucesso" das aulas de literatura provém de fatores como o "engessamento" da aprendizagem por escolas literárias, o pouco tempo dedicado à leitura de textos literários, à fragmentação da disciplina de língua portuguesa em gramática-literatura-produção de texto, à pressão dos exames e dos processos de seleção, entre outros aspectos dificultadores. Em síntese, são esses alguns dos problemas responsáveis pelo fracasso do ensino de literatura na Educação Básica do nosso país. Desse modo, assim como o faz Rezende, Dalvi propõe que – cerrando fileiras com Cyana Leahy-Dios (2004) – "a educação literária requer mudanças nas macroestruturas de poder educacional" (2013, p. 76), "literaturizando" a escola, em vez de "pedagogizar" a literatura.

Isso posto, e, considerando as contribuições de docentes-pesquisadores da área de Letras, Estudos Literários, e Educação, que se debruçaram em pesquisas e publicações importantes sobre leitura (sobretudo a literária) e ensino de literatura, como os que aqui mencionamos, um questionamento se faz imperativo: que lugar o ensino de literatura tem/pode/deve ter nas pesquisas em Linguística Aplicada? Esse é o tópico que trataremos na próxima seção.

4. AS PESQUISAS SOBRE ENSINO DE LITERATURA EM TESES E DISSERTAÇÕES DA LINGUÍSTICA APLICADA

Nesta seção, buscamos responder à questão que propusemos no desfecho anterior: qual o lugar do ensino de literatura na LA? A opção pela criação de inteligibilidades sobre essa questão por meio da análise de teses e dissertações se dá, em concordância com Dalvi (2015), pelo fato de esses trabalhos se constituírem como lócus privilegiado para a compreensão de um campo de pesquisa, uma vez que, sob a orientação de um pesquisador experiente, supõe-se que esses trabalhos, já defendidos, sejam

sustentados por uma produção bibliográfica atinente aos temas, apresentando dados e leituras recentes mais relevantes, "sob a expectativa de um diálogo responsável entre o já visto e o por ver" (DALVI, 2015, p. 202). Dessa forma, por meio da análise de dissertações e teses, parece-nos ser possível historicizar as bordas tecidas entre o ensino de literaturas e o campo da Linguística Aplicada em um determinado recorte contextual e temporal. Ressaltamos, no entanto, que não pretendemos valorar a pesquisa em ensino de literaturas realizada no âmbito da LA em relação a pesquisas realizadas em outros campos do saber, mas apenas verificar quais as contribuições da LA para essa temática que envolve, inevitavelmente, abordagens inter/trans/*IN*disciplinares.

Como anunciamos na introdução, analisaremos brevemente teses e dissertações produzidas pelos Programas de Pós-Graduação em Linguística Aplicada de três diferentes universidades, a saber: UNICAMP, UFRJ e UECE. A escolha desses cursos se deu com base em três critérios por nós delimitados para a seleção dos programas que fariam parte do *corpus*, quais sejam: i. programa com cursos de Mestrado e Doutorado; ii. programa não misto, isto é, com titulação e afiliação específica à área de Linguística Aplicada; e iii. programa que apresente em sua *webpage* oficial docente(s) ou projeto(s) de pesquisa(s) na área de ensino de literatura, leitura literária ou letramento literário. A seleção dos trabalhos se deu por meio da leitura dos títulos e resumos das dissertações e teses defendidas nos três programas, entre os anos de 2009 e 2019, a partir do *website* do programa ou do banco de teses do departamento ou da instituição, sendo selecionados trabalhos que dialogassem com temáticas envolvendo ensino de literatura, leitura literária, letramento literário ou educação literária. As breves análises apresentadas a seguir também se detiveram apenas ao título e ao resumo dos trabalhos em pauta. Para fins de organização, começaremos apresentando o programa da universidade com o menor número de trabalhos na área até chegar ao programa com o maior número. Ressaltamos, no entanto, que a diferença quantitativa é mínima, haja vista que o programa de Linguística Aplicada da UNICAMP soma onze trabalhos na área, o programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada da UFRJ doze e o programa de Linguística Aplicada da UECE dezesseis dissertações e teses que abordam o ensino de literaturas.

No Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PPG-LA) do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da UNICAMP, conforme já sinalizamos, onze trabalhos sobre ensino de literatura foram encontrados em nosso levantamento, sendo seis dissertações de mestrado e cinco teses de doutorado. Na Tabela 1, sistematizamos as informações:

Tabela 1: Dissertações e Teses da UNICAMP

Curso	Ano	Autor(a)	Orientador(a)	Título
Mestrado	2009	Julia Sant'ana Scavassa	Sylvia Bueno Terzi	Leituras de poemas num curso de letramento para adultos: olhares dos educandos, olhares da educadora
Mestrado	2010	Aline Akemi Nagata	Raquel Salek Fiad	Ensino de literatura: formação, reflexão e prática
Mestrado	2010	Jorge Rodrigues de Souza Júnior	Silvana Mabel Serrani	A literatura no ensino de espanhol a brasileiros: o teatro como centro de uma prática multidimensional-discursiva

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 163 – 189 | set/dez 2020

Curso	Ano	Autor(a)	Orientador(a)	Título
Doutorado	2010	Rosa Maria Olher	Maria José Rodrigues Faria Coracini	Tradução e representação no ensino de literatura estrangeira: um lugar "entre-línguas"
Doutorado	2010	Ênio de Oliveira	Silvana Mabel Serrani	Antologias de literatura negra brasileira e estadunidense, biografias e ensino de língua(s): licenciamentos para formação intercultura/discursiva de professores de inglês do Brasil
Mestrado	2014	Mariana Santos de Assis	Roxane Helena Rodrigues Rojo	A poesia das ruas, nas ruas e estantes: eventos de letramentos e multiletramentos nos saraus literários da periferia de São Paulo
Doutorado	2014	Cynthia Agra de Brito Neves	Maria Viviane do Amaral Veras e Jean-François Massol	A literatura no ensino médio: os gêneros poéticos em travessia no Brasil e na França
Mestrado	2016	Bruno Cuter Albanese	Petrilson Alan Pinheiro da Silva	Trajetórias transmídia de leitura literária na escola
Doutorado	2016	Marly Aparecida Fernandes	Roxane Helena Rodrigues Rojo	Objetos de aprendizagem para ensino de literatura em repositórios públicos brasileiros
Mestrado	2019	Óscar Alexandre Fumo	Cynthia Agra de Brito Neves	O ensino de literatura e a formação de leitores: práticas didáctico-pedagógicas nas aulas de português em Moçambique
Doutorado	2019	Ana Paula dos Santos de Sá	Daniela Palma	A descolonização da educação literária no Brasil: das leis 10.639/2003 e 11.645/2009 ao PNLD 2015

Fonte: Elaborado pelos autores

A produção acadêmica em nível de mestrado e doutorado do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UNICAMP é deveras diversificada em vários aspectos. Inicialmente, é importante notar que a produção do campo nesse programa é orientada por diversos professores, porém, as docentes Silvana Mabel Serrani e Roxane Helena Rodrigues Rojo são as únicas a orientarem dois trabalhos na temática. Diferentemente do que ocorre nos programas da UFRJ e da UECE, por exemplo, percebe-se, no programa da UNICAMP, uma distribuição maior das pesquisas sobre ensino de literatura entre diferentes docentes, o que pode justificar, inclusive, a grande diversidade de temas e de abordagens teóricas das pesquisas desenvolvidas. Além disso, é importante destacar a distribuição equitativa entre dissertações e teses das pesquisas sobre ensino de literatura desse programa, o que vai de encontro à pressuposição de que, na maioria das vezes, pesquisadores mais inexperientes, em nível de mestrado, têm maior aderência ao tema, como foi percebido em pesquisas realizadas por Dalvi e Rezende (2011) e Dalvi (2015).

As dissertações e as teses do programa da UNICAMP versam, em geral, sobre temas como leitura da poesia, literatura no ensino de espanhol, material didático, poesia e ensino de literatura em ambientes não-escolares, tradução e ensino de literaturas estrangeiras, literatura afro-brasileira e indígena, biografias, poesia em sala de aula,

transmídia e leitura literária a partir de adaptações, objetos de aprendizagem e leitura literária, formação de leitores literários e a de(s)colonização da literatura. Essa grande diversidade é encontrada também em relação aos contextos de realização dos trabalhos, que, apesar de uma certa preferência pelo Ensino Médio, também têm lugar pesquisas no Ensino Fundamental, no Ensino Superior e na educação não formal. Geograficamente, as dissertações e as teses apresentam pesquisas realizadas não apenas no Brasil, mas também na França, Estados Unidos da América e Moçambique.

As abordagens teóricas adotadas continuam a refratar a variedade possível das pesquisas em Linguística Aplicada, com uma leve predominância dos estudos dos letramentos, letramento crítico, novos letramentos e multiletramentos, a partir de autores como Brian Street, J. P. Gee, H. Fehring e P. Green, Grupo de Nova Londres, Mary Kalantzis e Bill Cope, Colin Lankshear e Michele Knobel etc. Para além dos estudos dos letramentos, as pesquisas dialogam, de modo geral, com áreas como formação de professores, análise do discurso, visão discursivo-desconstrucionista da linguagem, semântica histórica da enunciação e estudos de(s)coloniais, e se valem de autores diversos como Maurice Tardif e Danielle Raymond, Eni Orlandi, Michel Foucault, Michel Pecheux, M. Bakhtin, J. Derrida etc. Poucos trabalhos, no entanto, explicitam em seus resumos referências aos estudos estabelecidos sobre o ensino de literaturas nos campos da educação e dos estudos literários. Somente aqueles defendidos por Cynthia Agra de Brito Neves, Bruno Cuter Albanese e Óscar Alexandre Fumo são os que assumem esse diálogo com autores como Alfredo Bosi, Terry Eagleton, Magda Soares, Annie Rouxel, Vincent Jouve, Antonio Candido, Tzvetan Todorov, Regina Zilberman, Antoine Compagnon, entre outros.

Metodologicamente, a maior parte das teses e dissertações defendidas no PPG-LA do IEL, UNICAMP, se centra em abordagens de pesquisa de campo, que partem da etnografia até a análise de entrevistas. Ademais, é importante ressaltar que, apesar de compreendermos que muitas dessas pesquisas dialogam com a visão *IN*disciplinar de Linguística Aplicada – como, por exemplo, os trabalhos de Mariana Santos de Assis, Bruno Cuter Albanese e Oscar Alexandre Fumo – apenas a tese de Cynthia Agra de Brito Neves assume abertamente, no resumo, as perspectivas da LA com as quais opera – transdisciplinar, transgressiva e *IN*disciplinar – a partir de autores como Marilda Cavalcanti, Branca Falabella Fabrício, Kanavillil Rajagopalan, Luiz Paulo da Moita Lopes, entre outros.

Já no Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UFRJ, doze trabalhos de mestrado e doutorado abordam diretamente a área de ensino de literaturas entre 2009 e 2019. Na Tabela 2, sistematizamos as informações:

Tabela 2: Dissertações e Teses da UFRJ

Curso	Ano	Autor(a)	Orientador(a)	Título
Mestrado	2009	Rita de Cassia Chagas	Sonia Zyngier	Reações à leitura das histórias de horror e terror: um estudo empírico
Mestrado	2009	Tiago Cavalcante da Silva	Roberto Ferreira da Rocha	Uma (des)aprendizagem ou o livro do (des)prazeres: a dramatização e a problemática da educação literária no ensino médio
Mestrado	2010	Juliana Jandre Barreto	Sonia Zyngier	Leitura literária e emoção: um estudo empírico

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 163 – 189 | set/dez 2020

Mestrado	2010	Samantha Nero Santos Machado da Silva	Sonia Zyngier	Foregrounding e emoção: um estudo empírico
Curso	**Ano**	**Autor(a)**	**Orientador(a)**	**Título**
Mestrado	2011	Anderson da Silva Ribeiro	Idalina Azevedo da Silva	Textura da leitura: seria uma rima ou uma solução? Perspectivas em Linguística Aplicada
Doutorado	2013	Cátia Aparecida Vieira Barboza	Sonia Zyngier	Reações à leitura literária em português e em inglês
Doutorado	2014	Renata de Souza Gomes	Roberto Ferreira da Rocha	Estudo sobre possíveis ressignificações de *A Streetcar Named Desire* de Tennessee Wiliams na sala de aula de literatura dramática em um curso de Letras
Doutorado	2015	Tiago Cavalcante da Silva	Roberto Ferreira da Rocha	(Sobre)viver, rasgar-se e remendar-se: a dramatização de textos literários na escola como ressignificação de lugares sociais
Mestrado	2019	Estela Conceição de Albuquerque	Marcel Alvaro de Amorim	O círculo de leitura dialógico no Ensino Fundamental I
Mestrado	2019	Silvio Gomes de Oliveira	Marcel Alvaro de Amorim	Ensino de literatura: uma análise dialógico-intertextual de livro didático
Mestrado	2019	Mariana Roque Lins da Silva	Marcel Alvaro de Amorim	Entre silêncios e vozes em tempos de (in) delicadeza: uma proposta de leitura literária dialógica a partir da obra Capitães da Areia
Mestrado	2019	Vitor Ferreira Pinto	Erica Schlude Wels e Marcel Alvaro de Amorim	A canção no livro didático de Português/Literaturas no Ensino Médio: uma abordagem dialógica das atividades de leitura

Fonte: Elaborado pelos autores

Como é possível constatar, as dissertações e as teses sobre ensino de literaturas do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação de Linguística Aplicada (PIPGLA) da UFRJ também apresentam uma heterogeneidade de temas, contextos e linhas de pesquisa, o que já observamos em nossa análise do programa da UNICAMP. No entanto, diferentemente deste, os trabalhos do PIPGLA se distribuem de forma mais sistemática entre orientadores que tiveram ou têm projetos de pesquisa centrados na leitura literária, a saber: Sonia Zyngier (quatro orientações), Marcel Alvaro de Amorim (três orientações e uma coorientação) e Roberto Ferreira da Rocha (três orientações). As docentes Idalina Azevedo da Silva e Erica Schlude Wels têm, cada uma, apenas uma orientação sobre o tema nos últimos dez anos. O programa da UFRJ apresenta também uma distribuição mais desigual entre pesquisas de mestrado e doutorado – nove dissertações e três teses – o que, no entanto, pode ser justificado pelo fato de a primeira turma de doutorandos do PIPGLA ter defendido suas teses apenas a partir do ano de 2013. Se considerarmos somente as defesas de 2013-2019, percebemos uma equalização maior dos trabalhos, uma vez que, nesse período, quatro dissertações e três teses foram defendidas na área de ensino de literaturas.

Tematicamente, mesmo com um número sutilmente menor de orientadores e pesquisas, ainda é perceptível a pluralidade de focos e abordagens. As dissertações e as

teses da UFRJ versam, em geral, sobre temas como reações à leitura literária, dramatização, emoção, leitura de poesia, letramento literário, círculos de leitura, livro didático, dialogismo e ensino de literaturas, exotopia, canção e leitura, adaptação literária e ensino, leitura literária e desigualdade social. Para discutir esses temas, diversos autores, cujas teorias dialogam com a LA, foram trazidos à baila, tais como: Luiz Paulo da Moita Lopes, M. Bakhtin, V. Volóchinov, Beth Brait, José Luiz Fiorin, Carlos Alberto Faraco e A Renfrew. No entanto, diferentemente das dissertações e teses defendidas no programa da UNICAMP, na UFRJ encontramos um diálogo maior, expresso nos resumos, com autores renomados da Educação e dos Estudos Literários que se dedicam à área de ensino de literatura, como as referências de Vincent Jouve, Cyana Leahy-Dios, Sonia Zyngier, Rildo Cosson, Graça Paulino, Magda Soares, Marisa Lajolo, Antonio Candido e Regina Zilberman.

Em termos de metodologia, há nesses trabalhos uma grande diversidade de contextos de pesquisa – Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II, Ensino Médio, Ensino Superior e Livros Didáticos – com foco especificamente no Brasil. Com exceção de três investigações que analisam a literatura no material didático, os outros nove do PIPGLA apresentam pesquisas de campo realizadas com abordagens da etnografia, da Ciência Empírica da Literatura, de grupos focais, entre outras. Do total de doze trabalhos, apenas os de Anderson da Silva Ribeiro, Mariana Roque Lins da Silva e Vitor Ferreira Pinto mencionam, direta ou indiretamente, realizar pesquisas a partir da perspectiva da LA *IN*disciplinar. No entanto, ao ler os títulos e resumos dos trabalhos de Tiago Cavalcante da Silva – em nível de mestrado e doutorado – e de Estela Conceição de Albuquerque – em nível de mestrado – notamos que ambos assumem, explicitamente, a perspectiva política, o engajamento e o teor *IN*disciplinar das pesquisas dessa vertente da LA.

Por fim, o Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da UECE apresentou um total de dezesseis trabalhos na área de ensino de literatura, sendo quatorze dissertações de mestrado e duas teses de doutorado, como demonstramos na Tabela 3:

Tabela 3: Dissertações e Teses da UECE

Curso	Ano	Autor(a)	Orientador(a)	Título
Mestrado	2011	Girlene Moreira da Silva	Cleudene de Oliveira Aragão	O uso do texto literário nas aulas de espanhol no ensino médio de escolas públicas de fortaleza: relação entre as crenças e a prática docente de egressos da UECE
Mestrado	2012	Andressa Luna Saboia	Cleudene de Oliveira Aragão	A transculturalidade a partir do uso de textos literários no ensino de E/LE: crenças de professores formadores e em formação do curso de Letras Espanhol da UERN (CAMEAM)
Mestrado	2012	Marla Solara Pontes Mota	Cleudene de Oliveira Aragão e Maria da Glória Guará Tavares	A inserção do texto literário como ferramenta para produção oral de alunos de nível intermediário de inglês como língua estrangeira
Mestrado	2012	Neyla Denize de Sousa Soares	Cleudene de Oliveira Aragão	Uso de textos literários autênticos e de adaptações de textos literários no ensino de E/LE: análise do desempenho em compreensão leitora de alunos do 2o ano do Ensino Médio de uma escola pública de Fortaleza

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 163 – 189 | set/dez 2020

Mestrado	2013	Gisleuda de Araújo Gabriel	Cleudene de Oliveira Aragão	Práticas de leitura literária em aulas de FLE: desmistificando crenças sobre o texto literário em contexto de formação de professores de francês na UECE
Curso	**Ano**	**Autor(a)**	**Orientador(a)**	**Título**
Mestrado	2015	Adriana Teixeira Pereira	Cleudene de Oliveira Aragão	Textos literários e práticas de leitura crítica nas aulas de língua espanhola: análise do desempenho da compreensão leitora de alunos da 3a série do Ensino Médio de uma escola pública de Fortaleza
Mestrado	2015	Paulo Henrique Moura Lopes	Cleudene de Oliveira Aragão	A leitura de obras literárias nos cursos de língua estrangeira: de justificativa para avaliação oral a um uso eficaz para o fomento da competência leitora
Mestrado	2016	Fátima Carla Furtado Silva Marques	Cleudene de Oliveira Aragão	"Eu não sei ler": um estudo sobre mudanças no desempenho leitor e em crenças autoexcludentes de alunos do sexto ano de uma escola pública a partir de práticas de leitura literária
Doutorado	2016	Girlene Moreira da Silva	Cleudene de Oliveira Aragão	Literatura, leitura e escola: um estudo sobre o desenvolvimento de habilidades de compreensão leitora e da competência literária de alunos de língua espanhola do Ensino Médio de uma escola pública
Mestrado	2017	Isabela Feitosa Lima Garcia	Cleudene de Oliveira Aragão	Práticas de leitura literária em língua inglesa para a melhora da compreensão leitora de alunos de ensino médio de uma escola pública de Quixadá
Doutorado	2017	Gláucia Maria Bastos Marques	Cleudene de Oliveira Aragão e Rozania Maria Alves de Moraes	A leitura literária na formação de professores e no exercício da docência: de leitores em formação a formadores de leitores
Mestrado	2018	Lya Oliveira da Silva Souza Parente	Cleudene de Oliveira Aragão	Práticas de leitura literária para a inserção da literatura cearense no Ensino Médio: ressignificação de crenças de alunos de uma escola pública de Fortaleza
Mestrado	2018	Maria Aparecida Moura de Lima	Cleudene de Oliveira Aragão	Formação leitora e literária de graduando(a)s de Letras/Espanhol da UECE: um estudo sobre a relação crenças-formação-prática de uma professora de Espanhol
Mestrado	2018	Sammya Santos Araújo	Cleudene de Oliveira Aragão	A formação de leitores iniciais e o letramento literário em turmas do 2o ano do Ensino Fundamental I atendidas pelo Programa Aprendizagem na Idade Certa (MAIS PAIC)
Mestrado	2019	Aline Luna Saboia	Rozania Maria Alves de Moraes	Análise da atividade de professores de literatura do Ensino Médio no uso do texto literário associado às mídias digitais: um estudo por meio da autoconfrontação
Mestrado	2019	Kandice da Silva Ferreira	Maria Helenice Araújo Costa	Leitura de Poemas em sala de aula: a construção do evento textual a partir de pistas sugeridas pelo metatexto didático

Fonte: Elaborado pelos autores

Diferentemente do apresentado pelos programas de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UNICAMP e da UFRJ, o Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da UECE apresenta uma regularidade maior de temas e abordagens nas pesquisas defendidas em nível de mestrado e doutorado na área de Linguística Aplicada. Isso parece se dar, principalmente, pelo fato de quatorze dos dezesseis trabalhos de mestrado e doutorado terem sido supervisionados pela mesma orientadora, Cleudene de Oliveira Aragão. Orientaram também pesquisas de mestrado sobre ensino de literaturas e leitura literária as professoras Rozania Maria Alves de Moraes (uma orientação de mestrado e uma coorientação de doutorado), Maria Helenice Araújo Costa (uma orientação de mestrado) e Maria da Glória Guará Tavares (uma coorientação de mestrado). Ademais, nesse programa, a distribuição entre o número de dissertações – quatorze – e de teses – duas – é desigual, mesmo se considerarmos que as primeiras defesas de doutorado do programa ocorreram a partir do ano de 2015, uma vez que, de 2015 a 2019, nove defesas de mestrado na área de ensino de literaturas foram realizadas e, em contrapartida, apenas duas de doutorado, o que parece corroborar a colocação de Dalvi e Rezende (2011) e Dalvi (2015) sobre a maior adesão de pesquisadores pouco experientes à essa temática.

A diversidade de temas das dissertações e teses apresentadas no PosLA da UECE também é menor. Dos dezesseis trabalhos, dez abordam a leitura literária no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras como o espanhol, o inglês e o francês. Em geral, outros temas que aparecem nos trabalhos são leitura literária, formação de professores, produção oral, transculturalidade, adaptações no ensino de literatura e língua, compreensão leitora, leitura crítica, desenvolvimento sociocultural, avaliação oral, desempenho leitor, literatura cearense e ensino, letramento literário, literatura infantil e ensino, mídias digitais, metatexto e competência literária. Contudo, vale destacar que a base teórica da LA utilizada nessas dissertações e teses dialoga especialmente com os trabalhos de Luiz Paulo da Moita Lopes, Ângela Kleiman, M. Bakhtin, Almeida Filho, Ana Maria Barcelos, H. Widdowson, Maria Helena Vieira-Abrahão, Norman Fairclough, Carlos Alberto Faraco, L. Vygostsky e L. Marcuschi. Outra diferença percebida é que, no caso da UECE, a grande maioria dos trabalhos – doze dos dezesseis – assume, logo no resumo, esse diálogo com autores das áreas da Educação e dos Estudos Literários que tratam de ensino de literaturas, letramento literário e leitura literária. Entre esses autores, são mencionados com frequência maior ou menor os trabalhos de Marisa Lajolo, Regina Zilberman, Rildo Cosson, Tereza Colomer, Antonio Candido, Rita Jouver Faleiros, Magda Soares, Tzvetan Todorov, Annie Rouxel e Paulo Freire.

Metodologicamente, as dissertações e as teses do programa da UECE, assim como as outras duas universidades aqui apresentadas, centram-se na pesquisa de campo, mas com ênfase nas salas de aula de escolas e universidades da região Nordeste do Brasil. Para realizar essas pesquisas de campo, foram mobilizadas diversas abordagens teóricas da etnografia, de cursos de extensão, de sequências didáticas, entre outras. As pesquisas, de modo geral, também estão focadas nos contextos da escola regular, majoritariamente, no Ensino Médio e no Ensino Superior, mas há ocorrências pontuais de pesquisas no Ensino Fundamental I e Ensino Fundamental II. Nenhum trabalho apresentou relação direta ou indireta, em seus resumos, com a afiliação teórica da LA INdisciplinar, embora Moita Lopes tenha sido um autor referenciado em muitos deles. No entanto, é necessário sinalizar o potencial de algumas dessas pesquisas para essa

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 163 – 189 | set/dez 2020

abordagem da Linguística Aplicada, em especial, os defendidos pelas alunas Fátima Carla Furtado Silva Marques e Lya Oliveira da Silva Souza Parente, que tratam de temas como o processo de autoexclusão do aluno e a inserção da literatura regional em sala de aula. Outro aspecto relevante, do ponto de vista da metodologia, é a percepção de que, enquanto nos primeiros sete anos investigados as dissertações e as teses da LA abordavam quase que exclusivamente o texto literário na aula de língua estrangeira, nos últimos três anos houve um equilíbrio maior entre essas pesquisas e as que tratam de literaturas na sala de aula de língua materna

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mais do que considerações finais, bordaremos aqui algumas provocações que puderam ser alinhavadas a partir da escrita colaborativa deste artigo. De fato, ao analisar as programações do Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada (CBLA) entre os anos de 2009-2019, percebemos um crescente interesse na área de ensino de literaturas, atestado pelo aumento gradual do número de trabalhos apresentados dentro dessa temática na programação de comunicações e pôsteres, aumento esse não refratado na programação principal do evento, que, tradicionalmente, tem dado pouco espaço ao tema. Os temas das comunicações também revelam que há uma grande diversidade de questões e abordagens para essa pesquisa, que se propõe a debater desde a leitura literária e o ensino de línguas estrangeiras, até o ensino de literatura em aulas de língua materna e sua relação com questões ideológicas, políticas e culturais, a partir de diferentes arcabouços teóricos, tanto da Linguística Aplicada, quanto da Educação ou dos Estudos Literários.

Essa diversidade de temas e afiliações teóricas também fica evidente na breve análise que realizamos de títulos e resumos das dissertações e teses defendidas nos Programas de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UNICAMP, UFRJ e UECE. Apesar das diferenças encontradas entre os programas – números de docentes que orientam trabalhos nessa área, abordagens teórico-metodológicas, entre outras – há um consistente quantitativo de pesquisas desenvolvidas a partir de variados pontos de vistas e diálogos com temas caros à LA, tais como: letramentos, documentos oficiais, multiletramentos, ensino de línguas, identidades, entre outros. Esses temas, a nosso ver, têm contribuído sobremaneira para a pesquisa em ensino de literaturas. Essa constatação é também perceptível nos diversos trabalhos – não apenas dissertações e teses, mas também pesquisas apresentadas nos CBLA – que dialogam com perspectivas da Linguística Aplicada, especialmente, com a LA *IN*disciplinar, como é o caso dos trabalhos desenvolvidos na UNICAMP e na UFRJ.

Com isso, não pretendemos afirmar que a Linguística Aplicada irá "dar conta" ou "resolver" a complexa e abrangente questão que envolve ensino de literaturas, muito menos que essa área seria "melhor" que as áreas de Estudos Literários e Educação no (re)pensar a leitura literária e o ensinar literaturas, o que seria incoerente, sobretudo, diante da perspectiva como compreendemos a LA. O que pretendemos foi tão somente sinalizar as potencialidades que a LA – como área transdisciplinar e INdisciplinar – pode apresentar para uma abordagem responsável, responsiva, socialmente implicada e politicamente engajada desse campo de pesquisa. Não se trata, como afirmado por

Moita Lopes (2016) em relação à própria LA, de definir um caminho único para as investigações sobre ensino de literatura, mas de, a partir da análise do espaço da nossa área de pesquisa nos CBLAs e nos Programas de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, bordar um rumo possível para o (re)pensar da educação literária no país e provocar a ampliação da própria inserção dessa área na agenda política da LA e nas preocupações e nos interesses dos linguistas aplicados brasileiros.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 163 – 189 | set/dez 2020

REFERÊNCIAS

AMORIM, M. A. de. A linguística aplicada e os estudos brasileiros: (inter-)relações teórico-metodológicas. **Revista brasileira de linguística aplicada.** v.17, n.1, pp.1-30, 2017a.

AMORIM, M. A. de. Ensino de literaturas/leitura literária: uma questão de política linguística? In: AMORIM, M. A. de. (Org.). **Ensino de literaturas:** perspectivas em linguística aplicada. Campinas: Pontes Editores, 2017b, pp. 07-15.

AMORIM, M. A. de.; DOMINGUES, D.; NASCIMENTO, D. V. K.; SILVA, T. C. da. **Literatura, letramentos e ensino:** conceitos e propostas. No prelo.

ARCHANJO, R. Linguística Aplicada: uma identidade construída nos CBLA. **Revista brasileira de linguística aplicada**, v.11, n. 3, pp. 609-632, 2011.

ARRAES, J. **Redemoinho em dia quente**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2019.

BORDINI, M. da G. O jogo da pesquisa: leitura e escrita literária e intervenção social. In: PAIVA, A.; MARTINS, A.; PAULINO, G.; VERSIANI, Z. (Orgs.) **Democratizando a leitura:** pesquisas e práticas. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2004, pp. 35-42.

CAVALCANTI, M. A propósito de Linguística Aplicada. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 7, pp. 5-12, 1986.

CELANI, M. A. A. Afinal o que é Linguística Aplicada? In: PASCHOAL, M. S. Z. de; CELANI, M. A. A. (Orgs.) **Linguística Aplicada:** da aplicação da linguística à linguística transdisciplinar. São Paulo: EDUC, 1992, pp. 15-23.

DALVI, M. A. À beira do abismo: o que nos dizem as dissertações e teses sobre a literatura no livro didático do ensino médio? In: BUNZEN, C. (Org.) **Livro didático de português:** políticas, produção e ensino. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015, pp. 199-222.

DALVI, M. A.; REZENDE, N. L. de. Ensino de literatura: o que dizem as dissertações e teses recentes (2001-2010)? **DLCV - Língua, Linguística & Literatura**, 8(2), pp. 37-58, 2011.

DALVI, M. A. Literatura na escola: propostas didático-metodológicas. In: DALVI, M. A.; REZENDE, N. L. de.; JOUVER-FALEIROS, R. (Orgs.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013, pp. 67-97.

EVARISTO, C. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

FABRÍCIO. B. F. Linguística Aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. da. (Org.) **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006, pp. 45-66.

FINARDI, K. R.; TILIO, R.; BORGES, V.; DELLAGNELO, A.; RAMOS FILHO, E. (Orgs.). **Transitando e transpondo na linguística aplicada**. Campinas: Pontes Editores, 2019.

KLEIMAN, A. Modelos de Letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. (Org.). **Os significados do letramento:** uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995, pp. 15-61.

LAJOLO, M. **Usos e abusos da literatura na escola:** Bilac e a literatura escolar na República Velha. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

LAJOLO, M. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, R. (Org.) **Leitura em crise na escola:** as alternativas do professor. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982, p. 51-62.

LAJOLO, M. O texto não é pretexto: será que não é mesmo? In: ZILBERMAN, R.; RÖSING, T. M. K. (Orgs.). **Escola e leitura:** velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009, pp. 99-112.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. Rio de Janeiro: Ática, 2011.

LEAHY-DIOS, C. **Educação literária como metáfora social:** desvios e rumos. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MACIEL, R. F.; TILIO, R.; JESUS, D. M. de; BARROS, A. L. de E. C. (Orgs.). **Linguística aplicada para além das fronteiras**. Campinas: Pontes Editores, 2018.

MOITA LOPES, L. P. da. **Oficina de linguística aplicada:** a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

MOITA LOPES, L. P. da. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

NICOLAIDES, C.; SILVA, K. A. da; TILIO, R.; ROCHA, C. H. (Orgs.). **Política e Políticas Linguísticas**. Campinas: Pontes Editores, 2013.

PAULINO, G.; PERES, A. M. C.; SOUZA, A. L. de; QUEIRÓS, B. C. (Orgs.). **O jogo do livro infantil**. Belo Horizonte: Editora Dimensão, 1997.

PAULINO, G.; COSSON, R. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola**.** In: ZILBERMAN, R.; ROSLING, T. (Orgs.). **Escola e leitura:** velhas crises, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009, pp. 61-79.

PENNYCOOK, A. Uma linguística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. da. (Org.) **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006, pp. 64-84.

REZENDE, N. L. de. O ensino de literatura e a leitura literária. In: DALVI, M. A.; REZENDE, N. L. de.; JOUVER-FALEIROS, R. (Orgs.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013, pp. 99-112.

SANTOS, B. de S. **O fim do império cognitivo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SILVA, D. do N. 'A propósito de Linguística Aplicada' 30 anos depois: quatro truísmos correntes e quatro desafios. **DELTA**. v. 31, pp. 349-376, 2015.

SOARES, Magda. **Letramento:** um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, A. A. M.; BRANDÃO, H. M. B.; MACHADO, M. Z. V. (Orgs.). **A escolarização a leitura literária:** o jogo do livro infantil e juvenil. Belo Horizonte: Autêntica/Ceale, 2006, pp. 17-48.

STREET, B. **What's "new" in new literacy studies?** critical approaches to literacy in theory and practice. 2003. Disponível em: http://www.people.iup.edu/gnvp/D-K/articles/from%20Atsushi/Street%20%282003%29.pdf Acesso em 13.08.2019.

SZUNDY, P. T. C.; ARAÚJO, J. C.; NICOLAIDES, C. S.; SILVA, K. A. da. (Orgs.). **Linguística aplicada e sociedade:** ensino e aprendizagem de línguas no contexto brasileiro. São Paulo: Pontes Editores, 2011.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 163 – 189 | set/dez 2020

SZUNDY, P. T. C.; NICOLAIDES, C. S. A 'ensinagem' de línguas no Brasil sob a perspectiva da linguística aplicada: um paralelo com a história da ALAB. In: GERHARDT, A. F. L. M. G.; AMORIM, M. A. de; CARVALHO, A. M. (Orgs.). **Linguística aplicada e ensino:** língua e literatura. Campinas: Pontes Editores, 2013, pp. 15-46.

SZUNDY, P. T. C.; FABRÍCIO, B. F. Linguística Aplicada e indisciplinaridade no Brasil: promovendo diálogos, dissipando brumas e projetando desafios epistemológicos. In: SZUNDY, P. T. C.; TÍLIO, R.; MELO, G. C. V. (Orgs.) **Inovações e desafios epistemológicos em linguística aplicada:** perspectivas sul-americanas. Campinas: Pontes Editores, 2019, pp. 63-89.

ZILBERMAN, R. A escola e a leitura da literatura. In: ZILBERMAN, R.; RÖSING, T. M. K. (Orgs.). **Escola e leitura:** velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009, pp. 17-39.

ZILBERMAN, R. Porque a leitura da literatura na escola. In: GERHARDT, A. F. L. M. G.; AMORIM, M. A. de; CARVALHO, A. M. (Orgs.). **Linguística aplicada e ensino:** língua e literatura. Campinas: Pontes Editores, 2013, pp. 209-230.

Recebido em 29/04/2020
Aceito em 31/08/2020